

HOMILIA DEDICAÇÃO DA SÉ

Caros irmãos em Cristo,

1. O Aniversário da Dedicção desta Sé Patriarcal é, para nós, motivo de alegria, de bênção e abre-nos à esperança.

De alegria, porque nos oferece a ocasião de reencontrar, neste espaço consagrado a Deus, o destino final e absoluto de tudo o que existe. Se a narração da criação nos contempla com a maravilhosa mensagem de que tudo foi criado por Deus, este lugar revela-nos que é também para Ele que tudo caminha e progride. Por isso, no simples encontro com estas paredes, a singeleza da nossa presença é já o bastante para apelar ao sentido da nossa verdadeira pertença. Não pertencemos a nós mesmos, nem tão pouco somos de qualquer realidade criada, mas somos de Deus. Deciframos, no mistério deste templo, a maravilhosa boa nova que Santo Agostinho assim cantava «fizeste-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Vós». Fomos feitos por Ele e somos para Ele. Fomos e somos abençoados por Deus no Seu amor infinito.

2. Poucas vezes como hoje, as pessoas se sentiram tão apátridas, privadas de uma pertença, porque já quase ninguém, sabe a quem e onde pertence. Assim, voltamos o nosso olhar e o nosso coração para esta Sé que, no seu significado representativo mais profundo, nos diz que todo o nosso ser é relacional a Deus. Que ninguém existe sem Deus. Com pertinência, insistimos que nada (nem ninguém) é possível conceber independentemente de Deus. Por isso, no seu secular silêncio e na sua arrebatadora imponência, uma Sé é já, por si só, um grito profético de que não nos pertencemos, como ela não se pertence, mas tudo só adquire sentido em Deus. Quando São Paulo refere que somos «Templo de Deus, porque habitados pelo Espírito Santo», sentimos que também é verdade que nós habitamos o Espírito.

O sentido de pertença implica também o da completude, que é relativo à totalidade do ser humano enquanto pessoa, à sua integralidade, à sua dignidade. Jesus no Evangelho refere que «nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra que sai

da boca de Deus»; e ser essa boca no meio da cidade, sintoniza-nos com o lugar da proclamação e celebração da Palavra de Deus. E onde se ouve a Palavra de Deus, também se escuta a voz do mundo, porque a disponibilidade interior é análoga. Por isso, onde se ouve a voz do Altíssimo também se ouve o grito dos pobres, a aflição dos cativos, o desespero dos cegos, e se acolhe o sofrimento dos oprimidos. Também aqui, nesta Sé, a escuta da Palavra habilita-nos, capacita-nos para atender aos apelos dos mais necessitados e ao clamor dos fragilizados da sociedade. Não podemos não recordar neste dia todos os que são vítimas da violência, nos lugares distantes de guerra, mas também, como dolorosamente temos assistido, na periferia da cidade de Lisboa. Escutar a Palavra de Deus é renovar a certeza de que somos chamados a ser construtores da paz, da amizade social, da fraternidade. Apelo à paz, ao diálogo e ao respeito mútuo: a violência nunca é a resposta para caminharmos para uma sociedade mais justa e próspera.

2. Mas, a celebração da Dedicção desta Catedral também nos abre à esperança. Não só porque testemunha a perpetuidade de valores e propósitos que fluem na alma do passado e do presente, manifestando assim o quão sólido é o terreno da fé, da esperança e do amor-serviço que os sustentam, mas também porque essa solidez garante o incomensurável alcance do horizonte do seu futuro. E esse futuro, construído sobre a rocha firme de uma gloriosa memória e de um igualmente glorioso presente, vive-se na esperança. Esperança que vem acalentada no carácter que a própria Dedicção consagrante confere a este lugar: torna-se lugar sagrado. Sagrado, porque “separado”, e separado não porque distante, mas porque diferente dos outros lugares, ou seja, possui um timbre uma emanção especial, fora do habitual, do quotidiano. E, na verdade, encontramos na própria caracterização desta Sé esse seu carácter especial.

Em primeiro lugar, enquanto Catedral, consagrada ao Senhor, é para todos. Para todos aqueles que procuram, no aconchego de um espaço e no fluir de um tempo, em silêncio ou em assembleia, encontrar-se com Deus, consigo mesmos, sempre cultivando a própria interioridade e espiritualidade. Quando o Profeta Isaías diz: «Quanto aos estrangeiros que desejam unir-se ao Senhor para O servirem, para amarem o seu nome e serem seus servos, serão aceites no meu altar, porque a minha casa será chamada ‘casa de oração para todos os povos’», não está apenas a fazer uma

exortação moral da boa conduta da hospitalidade, mas está a pronunciar o carácter de uma transformação radical operada pela participação à vida e ao múnus de um Templo, que o faz passar da condição de estrangeiro transformando-o em membro do povo de Deus, um irmão, um verdadeiro filho do Pai do Céu, como um de nós, e, como nós, discípulo de Jesus.

Em segundo lugar, especial também porque, enquanto Templo, é uma autêntica e verdadeira fronteira e ponte. Fronteira e ponte que se prodigaliza para além do que ele é. Sendo um espaço na terra, remete para além da terra, aponta ao céu e, estando definido dentro do tempo, impele-nos para a meta-temporalidade, para a eternidade. Nesse sentido, afigura-se como apelo e desafio lançado a todos, a fim de cada um se assumir como projeto e viver projetado para a obra de Deus. Projeto de nova humanidade, assentando os alicerces da existência na solidez do Evangelho e edificando-se na abertura para o Alto e para os outros. De facto, como incessantemente recorda o Senhor, e o confirma a história de tantas almas, só na pegada de quem caminha para a transcendência se encontra e reconhece o outro como um semelhante, ou melhor, como um verdadeiro irmão em humanidade e carácter.

Em terceiro lugar, torna-se especial uma vez que a sua valência não é determinada pela sua dimensão material, mas pela vida interior que gera, promove e desenvolve. Parafrazeando São Paulo aquilo «que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que o amam» (cf. 1Cor 2,9) – é precisamente isso o que de mais significativo e importante acontece aqui no coração de cada um.

3. De facto, a Palavra escutada faz uma caracterização de espaços sagrados litúrgicos, não com o léxico da engenharia ou da arquitetura, mas com a linguagem da existência, cuja gramática são ações, gestos e sentimentos – «não façais – diz o Senhor - da casa de meu Pai casa de comércio». Focando-se sobretudo naquilo que esse lugar oferece, mais do que atender na estrutura arquitetónica, ou estética, somos convidados a olhar para o que aqui verdadeiramente acontece. Promover o encontro com Deus e com os outros, criando a sintonia com o mundo criado, é um gerador de história e de vida. Atendamos a três ações que a Palavra de Deus associa ao Templo e que, em certo sentido, constituem três eixos da nossa experiência orante e celebrante:

a) A primeira ação é ENCONTRAR: «*Jesus encontrou no templo*»: realmente paradoxal que o Templo e, portanto, uma Catedral seja lugar não de isolamento, mas de encontro. E de encontro com alguém, com uma pessoa. O verdadeiro motivo que nos move é a fé, e à sua luz vemos que o Senhor está aqui presente e nós aqui estamos e reunimos para O encontrar. Nesse encontro com Cristo, nós também reencontramos os outros, todos os outros, como nossos irmãos. Homens e mulheres, grandes e pequenos, novos e velhos... Por isso, a experiência da Sé transmite um discernimento que se atua na vida quando se descobre que o Cristo contemplado e celebrado na Liturgia vive na história dos homens e com eles; está presente na liturgia existencial quotidiana da alegria e do sofrimento; da festa e das tragédias; no lazer e no trabalho; na paz e na dor.

b) A segunda ação é LEVANTAR: «*Destruí este templo e em três dias o levantarei*». Levantar é a palavra para dizer «Ressurreição». Cristo ressuscitou, levantou-se da morte; «*Maria levantou-se apressadamente*»: ressuscitou para o esplendor da nova vida de Cristo. Levantar-se é uma ação que assinala a vitória sobre o desânimo e a fadiga. Levanta-se quem se desinstala, quem retoma o caminho perdido, ou até a viver de novo. Marca um novo início, um recomeço. Por isso, este lugar está profundamente marcado pela sua capacidade de criar recomeços. Aqui vimos para percorrer a estrada da vida como peregrinos da esperança, e partir com renovado vigor para trilhar os exigentes declives da missão e da vida na história de cada um. Aqui, tudo se transforma e tudo recomeça.

Para entrar na Sé de Lisboa, a Igreja Mãe da nossa cidade, é necessário subir uns degraus. O poeta Daniel Faria, num dos seus belíssimos poemas, diz: «*Deus/sobe os degraus com a noite nos braços*». Sim, este é um lugar feito para levantar o ser humano, para o erguer dos escombros da vida, das suas quedas e dificuldades, das escuridões que assolam na noite. Aqui se vive e exprime a fé, e só quem vive animado pela confiança, consegue levantar-se e entrar, e não permanecer prostrado ou caído. Eis a essência de lugares como este: redundam e visam ativar a força interior emanada da confiança em Deus, que nos envolve nos seus braços de Pai misericordioso.

c) A terceira palavra referida ao templo é FALAR: «*Jesus, porém, falava do templo do seu Corpo*». E falava não porque era belo, ou porque era agradável de ouvir, mas porque era Corpo ressuscitado, que passando pela morte, a vence. Também o

Corpo Eucarístico de Cristo é a vida nova de Deus atuante em realidade física. É, pois, deste Corpo glorioso e vitorioso que Jesus falava. A sua palavra é sempre um anúncio de boa nova, é sempre Evangelho.

Também a Igreja é Corpo de Cristo, e, como tal, ocasião de anúncio partilhado da nova vida; não que a Igreja fale de si própria, ou se anuncie a si mesma, mas porque o seu testemunho reside na oferta da mesma plenitude que ela própria recebeu na graça batismal de Cristo. E Ele, que abriu os horizontes à humanidade e ao mundo, com o anúncio da Ressurreição, a força transformadora do seu Corpo, também nós, Igreja de Lisboa, não nos limitaremos a fazer anúncio, mas, em Cristo, somos anúncio, mostramos a beleza de sermos templo de Deus e Corpo de Cristo com as marcas salientes da ressurreição, pois – como diz São Paulo – «porque Cristo Ressuscitou, também nós ressuscitaremos». E é a ressurreição, ativa e atual em nós, que nos regenera homens novo. Testemunhamos e anunciamos a vida nova no amor aos irmãos, na esperança criadora e na fé inabalável.

+Rui, Patriarca de Lisboa